

Temps nouveaux-Nouveaux Syndicats

Bruxelas, 5 a 7 de Fevereiro de
1998

Por ocasião dos seus 25 anos de vida, a Confederação Europeia de Sindicatos (CES) realizou na sua sede, em Bruxelas, um Congresso Internacional de três dias sobre as novas estratégias sindicais do final de milénio. Contando com a presença de inúmeros dirigentes sindicais das organizações filiadas na CES e de reputados especialistas do meio académico e da investigação, o congresso teve como tema os «Novos Sindicatos em Tempos Novos». Por detrás desta temática estava, pois, a questão central de saber de que modo deve o sindicalismo modernizar-se e adaptar-se às transformações rápidas que ocorrem na sociedade e aos processos de individualização e globalização crescentes que nela têm lugar.

Reiner Hoffmann (Director do Instituto Sindical Europeu) procedeu à abertura dos trabalhos, tendo abordado, no discurso inaugural, os factores de mudança estrutural da vida dos sindicatos e as consequências daí resultantes para a sua organização. Para além de uma apresentação extensa do programa do congresso, levantou algumas questões que viriam a atravessar transversalmente as várias sessões de trabalho: em que medida são novos para os sindicatos os desafios decorrentes da globalização? Quais as novas possibilidades de participação dos trabalhadores que se vislumbram global e localmente? Como compreender hoje as opções simultaneamente europeizadoras e descentralizantes da negociação colectiva?

Seguiu-se, ao longo de toda a manhã, uma mesa redonda subordinada ao tema

«Os sindicatos entre a exclusão social, a individualização e a globalização». Moderada por Robert Taylor (Financial Times), esta mesa redonda acolheu os contributos de Franz Traxler (Universidade de Viena), George Ross (Centro de Estudos Europeus de Harvard), Michel Wierviorka (Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris), Peter Cassels (ICTU, Dublin), Rafael Lamas (em substituição de Mía Devits, FGTB, Bruxelas) e João Proença (UGT, Lisboa). Cada qual à sua maneira abordou as implicações para os sindicatos decorrentes da incidência simultânea daqueles três conceitos (exclusão, individualismo e globalização), apresentando não só uma visão geral do sindicalismo do final do século XX como dando conta de certas particularidades dos seus próprios países.

A parte da tarde foi preenchida com o início do primeiro forum de discussão intitulado «Novas forças de trabalho, velhos sindicatos?». Este forum foi dinamizado por Jelle Visser (Universidade de Amesterdão), Jeremy Waddington (Universidade de Warwick), Maurizio Ambrosini (Universidade Católica de Milão), Bernardette Tesch-Segol (EURO-FIET, Bruxelas), Carola Fischbach-Pyttel (FSESP, Bruxelas) e Giuseppe Casadio (CGIL, Roma). Os participantes neste forum discutiram questões relacionadas com as modificações nos mercados de trabalho, a evolução das taxas de sindicalização, as estratégias de recrutamento sindical perante novas e velhas forças de trabalho ou ainda a sindicalização no sector dos serviços.

O segundo dia de trabalhos começou com o segundo forum: «Novas oportunidades de participação — perspectivas globais e locais». Recebeu o contributo de Guido Baglioni (Universidade de Milão), Ake Sandberg (Arbetslivsinstitutet, Estocolomo), Janine Goetschy (CNRS, Universidade de Nanterre, Paris), Harald Schartau (IG

Metall, Dortmund) e Lodewijk de Waal (FNV, Amsterdão). Como o próprio título deixou antever, este forum suscitou inúmeras reflexões em torno da ideia de «participação», ou seja, debruçou-se sobre as forças e fraquezas da participação democrática dos trabalhadores nos seus locais de trabalho e sobre a importância do envolvimento efectivo dos trabalhadores na construção de uma Europa Social.

Na parte da tarde realizou-se o forum III, «Descentralização e europeização da negociação colectiva: uma contradição?», que contou com a presença de Franz Traxler (Universidade de Viena), Reinhard Kuhlman (FEM, Bruxelas), Paul Marginson (Universidade de Leeds, Business School), Daniel Vaughan-Whitehead (Bureau BI de Budapeste) e Jean Iapeyre (CES, Bruxelas). Este forum reflectiu conjuntamente sobre: o modelo de (des)organização da negociação colectiva na Europa em face das mutações industriais em curso neste continente; as disparidades que existem ao nível das relações profissionais entre os países de Leste e os países da Europa Ocidental; e ainda sobre se a negociação colectiva europeia pode ou não ser considerada mais um projecto virtual do que uma realidade concreta.

No seguimento deste terceiro forum realizaram-se cinco sessões de trabalho simultâneas organizadas pelas Federações Sindicais Europeias. Tendo presente que a necessidade de uma europeização das relações sociais decorre do processo de integração europeia e constitui, ao mesmo tempo, uma resposta aos processos de globalização, os cinco *ateliers* procuraram analisar as consequências práticas daí resultantes. Em concreto, abordou-se: a modernização dos serviços públicos na Europa; a Directiva sobre destacamento e europeização das relações profissionais; a europeização da negociação colectiva no

sector metalúrgico; as cláusulas sobre os direitos humanos e os códigos de conduta; e a filiação sindical via internet.

O segundo dia de trabalhos terminou em beleza como o momento simbólico que foi o assinalar do 25º aniversário da CES, com a presença de Fritz Verzetnitsch (Presidente da CES) e de Jacques Delors (Presidente da «Nossa Europa») e posteriormente de um quinteto de jazz de Bruxelas.

Finalmente, no dia 7 de Fevereiro realizou-se, pela manhã, um painel de discussão intitulado «A europeização dos sindicatos: uma simples ilusão?». Moderado por Reiner Hoffmann (ISE, Bruxelas), este painel acolheu como participantes John Edmonds (GMB, Londres), Bertil Lonsson (LO, Estocolmo) e Raffaele Morese (CISL, Roma). Na linha das reflexões anteriores, este debate público centrou-se em torno da questão de saber se a europeização do sindicalismo pode mesmo constituir uma perspectiva realista que deve ser assumida colectivamente e sem receios. Também aqui, e à semelhança da generalidade dos debates, não se esperava que surgissem respostas definitivas ou «soluções milagrosas». Sem deixarem de reforçar a importância da expressão «europeização», muitos dos participantes neste Congresso Internacional foram, todavia, dando conta das situações concretas que melhor conheciam nos seus países. Este foi um sinal de que, apesar da persistência das perplexidades, é forte a convicção de que um compromisso real com a europeização deve ser edificado a partir dos próprios espaços nacionais.

Coube a Emilio Gabaglio (Secretário-Geral da CES) o encerramento oficial dos trabalhos do Congresso. Na sua intervenção, intitulada «A CES e os desafios do futuro», referiu-se ao papel sócio-histórico desempenhado pela CES enquanto actor sindical europeu com forte vinculação às

questões europeias e enquanto estrutura capaz de influenciar decisões europeias (falando-se mesmo em *lobby*). A necessidade de assumir o «projecto europeu», como projecto político, e de concretizar rapidamente um «modelo social europeu» foram igualmente duas notas finais da sua intervenção. Depois de saudar uma vez

mais os participantes, Gabaglio terminou este evento histórico lembrando-lhes ainda que, naquela tarde de sábado, podiam aproveitar para viajar por Bruxelas numa visita guiada pelo *Atelier de Recherche et D'Action Urbaines*. ■

Hermes Augusto Costa